

CARLOS NORONHA FEIO

Vive e trabalha em Lisboa e Londres

QUALIFICAÇÕES

2004-2005: M.A. Fine Art Theory and Practice, Middlesex University, Londres, UK: **2001-2004: B.A. (hons) Fine Art, Middlesex University, Londres, UK.**

2000-2001: BTEC Foundation in Art and Design, Camberwell College of art, Londres, UK.

OUTRA EDUCAÇÃO

2008 – Interdisciplinary and technological Performance Art, Brooklyn College at Programa Criatividade, Fundação Calouste Gulbenkian , Lisboa, Portugal

2005- Soho Theatre young writers course (10weeks).

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS SELECIONADAS

2009- "A A and away" Transition Gallery, Londres, UK : **2009- "To reach point zero/tentando alcançar o ponto zero" Reflexus Arte Contemporânea , Porto, Portugal** : 2009- "A A and away"

Sopro projeto de arte contemporanea, Lisboa, Portugal : **2008- "Estação de exportação (OPO)", Reflexus Arte Contemporânea, Porto, Portugal** : 2008- "Ironic dead futures" Sala da Caldeira, Maus Habitios, Porto, Portugal : **2006 "Hail.." Arts at Carnaby project, Londres, U.K.**

EXPOSIÇÕES COLECTIVAS SELECIONADAS

2010 – "Salon", The Embassy, Edimburgo, R.U. : **2009/10 – "à Crise.." – Sopro projeto de Arte Contemporânea, Lisboa, Portugal** : 2009 - "leilão incoerente" – a Certain Lack of Coherence, Porto, Portugal : **2009 – "The Mews drawing salon" The Mews Project space, Londres, R.U.** : 2009-

" Still moving still" Artecontempo, Lisboa, Portugal: **2009- "Lá Fora" curadoria de João Pinharanda e co organizada pelo Museu da Presidencia e Fundação EDP, Lisboa, Portugal** : 2009- "Identidade e Simulacro" curadoria de Luís Serpa, Junho das Artes, Obidos, Portugal : **2009- "Está a morrer e não quer ver" curadoria de José Maia, Espaço Campanhã, Porto, Portugal** : 2009- "Vestigio" Pavilhao 28, Hospital Julio de Matos, Lisboa, Portugal : **2008- "new video art from Europe", Blow de la Barra/111 (37 Heneage St), Londres, R.U.** : 2008 "Painting room", Transition Gallery, Londres, R.U. : 2007 " Peer Esteem" , Five Years Gallery, Londres, R.U. : 2007 July:Tell me something/Dimmie Qualcosa,Centro Culturale di Socchieve, Italia: **2007 Celeste art Prize,Lyon & Turnbull, Edimburgo, R.U.** : 2007 Celeste art Prize, Londres, R.U.

PERFORMANCES

2008 "Work in progress" (with Vera Santos and Martinha Maia) Presentation of Interdisciplinary and technological Performance Art, Brooklyn College at Programa Criatividade, Fundação Calouste Gulbenkian , Lisboa, Portugal : **2008 April 22- "3 actions for a constricted/contrived confrontation", NCCA-National centre for contemporary art, Moscovo, Russia.** : 2008 April 19 - "3 actions for a constricted/contrived confrontation", Navikula Artis, St.Petersburg, Russia : **2007-11-8 Carlos Noronha Feio/Mara Castilho Performances, Bacalhoeiros, Lisboa,Portugal** : 2007 Sep 15: "3 actions for a constricted/contrived confrontation" , Live art platform, Colchester Art Centre, R.U. : **2007 Maio 5 "silver spoon" East end Collaborations, Londres, R.U.**: 2007 April 15 –"Silver spoon" Circuit, Lisboa, Portugal : **2006 September 1– "battle fields, phase one" worm hole salon na Whitechapel art Gallery, Londres, R.U.**

SCREENINGS

2009 9 de outubro - "Simple movements for a meaning-São Carlos opera house" Kortfilmfestivalen 60 seconds, Kulturnat I metro Copenhagen, Dinamarca : **2008 The one minute Foundation, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal** : 2008 Sala de Projecção (Projection Festival), Lisboa, Portugal

: **2008 ABC cineclub no cinema São Jorge, Lisboa, Portugal**

BOLSAS E APOIOS

2009- Instituto Camões para "A A and away" Livro publicado por Transition Editions, Londres : **2009- Fundação EDP para "A A and away" Livro publicado por Transition Editions, Londres** : 2008- Fundação EDP para performances no NCCA- National Centre for Contemporary Art Moscow e na Navikula Artis em S.Petersburg, Russia : **2006- National campaign for the arts, Arts at Carnaby project, Londres, R.U.**

COLEÇÕES

Fundação PLMJ, Lisboa, Portugal:**Fundação EDP, Lisboa, Portugal**: coleção Arq. Jorge Gaspar:**Coleção de Detmar Blow , United Kingdom**: Coleção Jose Pedro Paço de Arcos: Navikula Artis, São Petersburg, Russia



Inaugura no dia 6 de Fevereiro,
pelas 17:00 horas.

de 6 a 28 de Fevereiro de 2010

Carlos Noronha Feio

*Snow wall, will you show me
the way to restart it all?*

MNS

Av. Central 61
4710-228 Braga

www.mns.uminho.pt

Informações

sec@mns.uminho.pt
253 601 275

produção / edição

Museu Nogueira da Silva

texto

Carlos Noronha Feio Londres, Janeiro 2010

agradecimentos

Nuno Centeno

Reflexus arte Contemporânea

Evgenia Tabakova

Alexander Tabakov

Yulia Tabakova

Carlos Corais

design

Miguel B. Duarte

impressão

Reprografia da UM



galeria
da universidade | um



Snow Wall, will you show me the way to restart it all?

Uma parede de neve, assim como a acção de a construir, representa uma situação sempre temporária. É um esforço fútil para uma construção efémera e dependente de várias circunstâncias muito dificilmente controláveis. Mesmo assim, é uma situação que advém da já existência de algo. Uma parede tem um propósito, que é separar, dividir, enclausurar, proteger, prender, segregar.

Poderia aqui rematar com exemplos concretos e recentes, Muro de Berlim, guetos, campos de concentração, campos de refugiados, muros construídos pelos Israelitas dos quais acabou de ser aprovado a construção de mais um, desta vez a separar Israel do Egito.

Todos estes construídos com desculpas relacionadas com conceitos religiosos, teorias políticas e concepções civilizacionais.

Um muro de neve, é efémero, desaparece com a primavera, é frágil, é simbólico.

A vídeo performance "Snow wall, will you show me a way to restart it all?" é em si uma tentativa de criar uma antítese de muro. Este não é um muro que divide crenças, mas sim um muro que cria um espaço branco para reflexão, um muro que permite criar uma base do que tem por trás e construir nesta.

Este é um muro que ao desaparecer não volta a reunir, pois foi sempre transponível, nunca dividiu, foi construído dos dois lados pelo mesmo performer, com material colhido dos dois lado, material esse que é o mesmo.

Pelo simples facto da acção, o espectador sabe que o muro é finito, que o performer consegue passar da frente para trás e que o que está a ser construído é um muro direcionado à câmara, é a câmara que fica sem visão, é a câmara que acaba por ter o espaço controlado, não o performer nem o espectador, este último tem a opção de parar de ver, de desligar, de ignorar, de criticar, de retroceder a acção.

Este muro de neve, a que eu peço ajuda para me ajudar a recomeçar tudo. A quem eu passo o poder (ele cresce comigo por eu o construir) é como nas histórias infantis os objectos que tudo sabem, tudo englobam, o espelho mágico na branca de neve, que mostra o que é e não o que se quer que seja. Este muro de neve frontal e efémero é um ponto para reflectir, para repensar assumindo o que sabemos que já aconteceu e que está a acontecer, é uma base sobre o passado. Sobre os factos que o constroem e não sobre como o queremos ler ou interpretar.

Utilizei nas telas um conceito parecido, a aparente simplicidade das telas brancas de base de gesso, base preparatória para pintar nela, escondem por trás algo que é assumido no seu título, e que é acessível ao pegar nestas mesmas, o acto intervintivo de retirar as telas da parede e ver o seu verso, permite saber o que estava nestas anteriormente.

As telas desta série são peças que não funcionaram na perfeição, ou que funcionaram, mas que poderiam ser melhores. Algumas podem mesmo ser peças que funcionaram exactamente como eu queria, mas que podem não ter funcionado para o Outro.

Todas estas, no seu estado original, depois de acabadas pela primeira vez, e de postas de parte por qualquer razão em qualquer altura da sua vida, são desengradadas, viradas e engradadas no seu verso. É o verso que a base de gesso éposta e trabalhada para ser uma boa base. A tela antiga não é escondida, é assumida, e quem quer pode sempre vela, mas é agora a base da base, o seu verso funciona como base da base de algo novo, algo novo que como no muro de neve, se sabe o que está por trás, e é assumido como parte da história do objecto, da ideia, da metáfora.



Snow Wall, will you show me the way to restart it all?

A wall of snow, like the action of building it, always represents a temporary situation. It is a futile effort for an ephemeral structure dependent on various circumstances very difficult to control.

Still, it is a situation that arises from the previous existence of something. A wall has a purpose, which is separate, divide, enclose, protect, secure, segregate.

Here, I finish of the sentence with recent concrete examples: the Berlin wall, ghettos, concentration camps, refugee camps, walls built by the Israelis, of which a new one has just been approved, this time to separate Israel from Egypt.

All these built with excuses related to religious beliefs, political theories and concepts of civilization. A wall of snow is ephemeral, it is gone with the coming Spring, it is fragile, it is symbolic.

The video performance "Snow wall, will you show me a way to restart it all?" Is in itself an attempt to

create an antithesis of a wall. This is not a wall that divides beliefs, but rather a wall that creates a white space for reflection, a wall that allows you to create a baseline of what is behind it and build on this. This is a wall that once gone it does not reunite, since it was always transposable, it never divided, it was built on both sides by the same performer, with material collected from the both side, material which is the same.

By the simple fact of the action, the viewer knows that the wall is finite, that the performer can move from front to back and that what is being built is a wall that is directed to the camera. It is the camera that stays with a restrained vision, it is the camera that ends up having the controlled space, not the performer or the spectator, the latter has the option to stop watching, turn off, ignore, criticize, rewind. This wall of snow, to whom I ask for aid to help me start over. To whom I empower (it grows with me because of my constructing it) is like in the children's stories the objects that know it all, that cover it all. The magic mirror in Snow White, which shows that that is and not what you want it to be. This frontal and ephemeral snow wall is a place to reflect, to rethink, assuming what we know that has happened and what is still happening, it is a base over the past. Over the facts that compose it and not on how we read or interpret it.

I used a similar concept on the canvas, the apparent simplicity of the white gesso surface, ground preparation for painting, hide behind something that is acknowledged in their title and is available to see in themselves, the interventional act of removing the canvas from the walls and seeing their versus allows you to know what previously was in them.

The paintings of this series are pieces that did not work perfectly, or that worked but could be better. Some may even be pieces that worked exactly as I wanted, but that may not have worked for the Other.

All of these, in its original state, having been just made and set aside for any reason at any time in their life, are stretched, turned and restretched with their back to the front. It is in the back that the gesso is placed and prepared into a good painting base. The old canvas is not hidden, it is assumed, and whoever wants can always see it, but it is now the base of the base. Its verse works as the base for the base of something, something new that as the snow wall, you know what is behind, and that is assumed as part of the history of the object, of the idea, of the metaphor.

